

Instituto Socioambiental

fonte: Journal do Bemestar 15 (03) class.: PIX 209

data: Jun 1993

pg.: 10

Escola Paulista de Medicina atende

índios do

Quem, além de ser médico, acha que tem uma certa vocação para aventuras e uma pitada de pioneirismo, tem um endereço certo para procurar na cidade de São Paulo: a Unidade de Saúde e Meio Ambiente do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina. Ali funciona a base de um trabalho, coordenado pelo professor Roberto G. Baruzzi, que presta assistência em saúde aos habitantes do Parque Nacional do Xingu.

A história começou há 30 anos, quando Baruzzi foi convidado pelo sertanista Orlando Villas-Boas para fazer uma operação de vacinação, cadastramento e atendimento médico à população indígena. Daí em diante, o trabalho nunca mais parou, e hoje envolve viagens periódicas de uma equipe composta por enfermeiras, dentistas e médicos nos meses de janeiro, abril, julho e setembro. Nas equipes estão sempre presentes um ou dois estudantes, que poderão dar continuidade ao projeto como residentes ou pós-graduandos.

Além de Baruzzi, também coordenam as operações os médicos Douglas Rodrigues e Sofia de Mendonça, responsável pelo

treinamento de recursos humanos, e a enfermeira Marina Machado.

O trabalho é duro. Os 32 mil km² do parque são divididos em Alto e Baixo Xingu, e em cada viagem, usando avião, barcos, um jipe e longas distâncias a pé, as equipes atingem metade da população, que hoje é de quase quatro mil índios. Cada um deles tem uma ficha médica própria, com espaço para fotografia e as alterações de nome - um acontecimento normal entre os índios brasileiros - e registro de dados clínicos. Nessas visitas periódicas, além de examinar cada um dos membros das aldeias, acontecem as vacinações e a atualização das fichas, com nome dos cônjuges (um homem pode ter mais de uma esposa) e dos filhos.

Trabalho de campo

Há também uma outra modalidade de trabalho, em que os profissionais de saúde permanecem no Xingu por dois meses. Este é um teste mais difícil para os profissionais. Eles falam com a base de São Paulo todos os dias, através de rádio. Mas ficam totalmente imersos num trabalho que não conhece sábado nem domingo. E a qualquer hora do dia ou da noite podem ser chamados para um atendimento. As diferenças culturais também podem pesar um

pouco. Por exemplo, a noção de privacidade é diferente entre os índios. E eles podem chegar para uma visita e ficarem horas ali conversando, não importa o que você esteja fazendo.

Para enfrentar essa nova realidade, os profissionais passam por um treinamento, ainda em São Paulo. Precisam saber enfrentar as doenças mais comuns com que irão se defrontar - malária, infecções respiratórias, diarreias e dermatoses -, e passar por um

treinamento antropológico para entender as diferenças culturais a que irão se expor. Mas, de acordo com Baruzzi, nunca se registrou nenhum problema grave de adaptação.

Nos últimos anos aconteceu um esvaziamento dos quadros da Funai. Por conta disso, o trabalho de assistência em saúde acabou ficando quase que totalmente sob a responsabilidade da Escola Paulista de Medicina, que no momento, está tendo o apoio de duas instituições financiadoras internacionais. Inclusive muitos dos casos em que é necessária uma internação, acabam sendo encaminhados para o Hospital São Paulo, que tem um ambulatório específico para pacientes provenientes de áreas indígenas.

Treinamento

A partir de 1990, o programa iniciou um treinamento de formação de agentes de saúde com os próprios índios. Além de noções básicas sobre doenças mais comuns, eles aprendem também medidas preventivas. Nos últimos quatro anos, nos meses de julho, já fizeram treinamentos em doenças diarreicas, respiratórias, malária, doenças sexualmente transmissíveis, incluindo noções de higiene e saneamento básico. Até

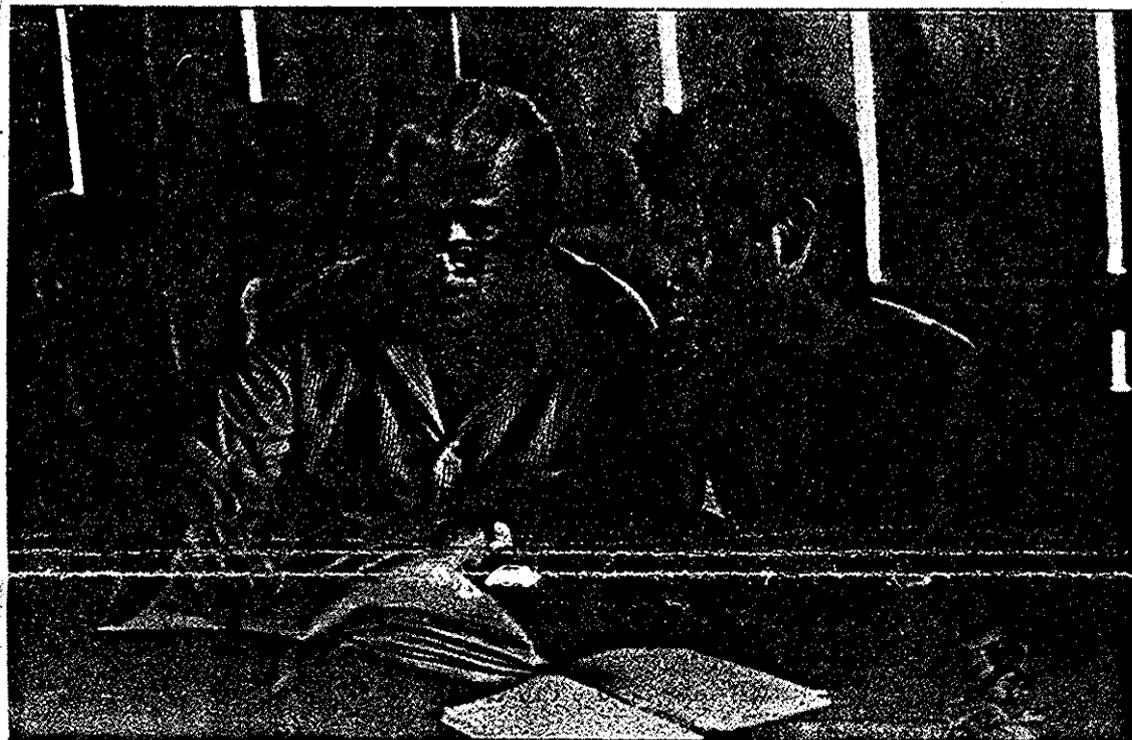
o momento, nenhum caso de Aids foi registrado entre a população do Xingu. Mas os agentes já estão sendo treinados para incentivarem o uso de preservativos nas relações sexuais, principalmente quando os índios viajam, permanecem em cidades e tem contato sexual com pessoas fora da comunidade.

Uma dieta tradicional, sem sal e sem açúcar, sazonalmente balanceada, juntamente com intensa atividade física, protegia os índios do Xingu das assim chamadas doenças do mundo ocidental: hipertensão, cardiopatia isquêmica, diabetes, entre outras. O maior problema é representado pelas DSTs, causadas por agentes etiológicos com os quais historicamente os índios tinham pouco ou nenhum contato.

A convivência com a população não índia e a progressiva introdução do sal e açúcar na alimentação alterou o processo saúde-doença dos índios do Xingu. São estas mudanças que o projeto da Escola Paulista procura detectar. Além de programa específico de malária e tuberculose está sendo incentivado o controle do câncer de colo e útero, que ao lado do câncer de pele, constitui a neoplasia de maior prevalência no Xingu.



Os índios vivem em área de 32 mil quilômetros quadrados



Prof. Baruzzi em trabalho de atualização das fichas médicas